

IMIGRAÇÃO PORTUGUESA NA ATUALIDADE: O CASO DE PELOTAS*

Estelita de Aguiar Branco**

Para entendermos o imigrante que vive em Pelotas precisamos saber o contexto do qual ele proveio. Para tanto, foi necessário traçar um panorama da emigração portuguesa, priorizando o contemporâneo, e aí localizar Brasil/RS/Pelotas. Esta abordagem é o conteúdo do primeiro item deste capítulo.

No segundo item, verificamos o porquê da saída do emigrante do país de origem, suas expectativas na imigração e justificativas da escolha do lugar de destino.

As dificuldades, ou facilidades na chegada, os fatores que influenciaram no processo de inserção à sociedade local e de integração ao meio circundante, são abordados no terceiro item.

1 – EMIGRAÇÃO PORTUGUESA PARA O BRASIL: UMA “SOBREVIVÊNCIA DO PASSADO”

Segundo Maria Luisa Pinto, a emigração portuguesa para o Brasil apresenta, desde o princípio deste século, um percentual elevado, que modifica-se sensivelmente a partir de 1964, distribuindo-se em quatro fases:

“Na 1ª fase, que decorreu até o início da década de 60, os valores da imigração situavam-se na média de 70%. A 2ª fase corresponde à substituição do Brasil pela Europa como principal destino da emigração

* Este texto é parte da dissertação *A grande tarefa: processos e estratégias do imigrante português, estabelecido em Pelotas-RS, na manutenção de sua identidade*, defendida na UFRGS em 1991.

** Mestre em Antropologia Social.

portuguesa. Após o 25 de abril de 1974 surge a 3ª fase, na seqüência das alterações conjunturais que ocorreram em Portugal, do processo de descolonização verificado nas ex-colônias portuguesas e, ainda, da conjuntura migratória internacional, em que o Brasil retoma o lugar de destaque como país de acolhimento da emigração portuguesa. Uma 4ª fase inicia-se a partir de 1977, entrando de novo em declínio o movimento emigratório para este país” (Pinto, 1987:27).

Para termos uma idéia da emigração portuguesa para o Brasil na 2ª metade do século XX e sua posição junto aos demais países receptores apresentamos um quadro desta emigração por continentes e países de destino, no período de 1950-1984.

QUADRO Nº 1
Emigração portuguesa por países de destino: 1950-1984

PAÍSES DE DESTINO	1950-59	1960-69	1970-79	1980-84	TOTAIS
França	14.724	329.052	90.871	5.235	439.882
Brasil	237.327	73.267	9.130	953	320.677
Estados Unidos	16.193	66.674	83.425	16.182	182.474
Alemanha	—	45.474	87.493	192	133.159
Canadá	13.796	50.405	55.871	8.548	128.620
Venezuela	36.236	37.318	31.838	10.095	115.487

Fonte: *Estatísticas da SEE* – Lisboa (Ribeiro, 1986:75).

Como podemos constatar, a emigração para o Brasil cai vertiginosamente a partir da década de 60, enquanto que na mesma década a França acolhe, sozinha, um contingente superior a toda a emigração para o Brasil de 1950-84.

Quanto à emigração para o Rio Grande do Sul, temos apenas estimativas, dados aproximados e amostras. Do material obtido fizemos o possível para elaborar algumas comparações que permitem tecer algumas considerações.

Dante de Laytano, examinando quadros estatísticos sobre o número de estrangeiros no Rio Grande do Sul, constata, em 1940, um total de 6.127 portugueses, que ocupavam o terceiro lugar, sendo o primeiro dos italianos e o segundo dos alemães. O autor faz referência à presença de portugueses em quase todos os municípios gaúchos, tendo os maiores índices em Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas e Bagé. No ano de 1954, segundo o mesmo autor, foi re-

gistrada a entrada de 214 portugueses no Rio Grande do Sul (Laytano, 1958). Estes dados indicam a posição da imigração portuguesa no Rio Grande do Sul e as cidades de sua maior incidência.

Conforme informações do Consulado de Portugal em Porto Alegre, a estimativa é de aproximadamente 11.000 imigrantes portugueses vivendo hoje no Rio Grande do Sul. Registrados no Consulado, encontram-se em torno de 6.000, excetuando-se os inscritos nos Vice-Consulados de Bagé, Pelotas e Rio Grande (Consulado de Portugal, Porto Alegre, 1988).

Sobre a emigração para Pelotas, utilizamos alguns dados do trabalho de Carmem Regina Matos Pombo¹, cuja amostra abrange 260 imigrantes, moradores em diversos bairros da cidade. A autora apresenta um quadro da entrada dos imigrantes portugueses para Pelotas.

QUADRO Nº 2
Emigração portuguesa para Pelotas – 1901-1979²

PERÍODO	PELOTAS	
	Nº	%
1901 - 04	01	0,38
1905 - 09	02	0,77
1910 - 14	11	4,23
1915 - 19	09	3,46
1920 - 24	13	5,00
1925 - 29	27	10,38
1930 - 34	24	9,23
1935 - 39	11	4,23
1940 - 44	13	5,00
1945 - 49	18	6,92
1950 - 54	40	15,38
1955 - 59	30	11,54
1960 - 64	21	8,08
1965 - 69	14	5,38
1970 - 74	12	4,62
1975 - 79	14	5,38
TOTAL	260	100,00

Fonte: Carmem Pombo, 1986, p. 28.

¹ Este trabalho foi executado para o Curso de Pós-Graduação em História, na Universidade Católica de Pelotas, em 1986 (mimeo).

² A linha tracejada que divide o quadro após 1944 foi acrescentada com o objetivo de destacar o período pertinente ao desta pesquisa.

Com relação ao ano de chegada a Pelotas, os percentuais mostram, claramente, a mesma elevação no período de 1950-59, confirmando os dados anteriores sobre a emigração para o Brasil (Pinto, 1987 e Ribeiro, 1984). O período 1975-79 mostra ligeira elevação na queda que vinha ocorrendo desde 1960, afetado pela entrada dos imigrantes oriundos das ex-colônias da África.

Com referência ao nível de instrução e estado civil, os dados obtidos foram os seguintes: 86,92% alfabetizados e 57,69% solteiros (Pombo, 1986).

Quanto à faixa etária dos imigrados, em 1986 situava-se acima de 51 anos, perfazendo 74,64% dos 260 entrevistados por Carmem Pombo, em Pelotas (Pombo, 1986).

Este dado confirmou-se na pesquisa efetuada em 1989, nos arquivos do Centro Português 1º de Dezembro³, quando montamos o quadro a seguir.

QUADRO Nº 3
Faixa etária dos sócios – C.P. 1º D – Pelotas: 1989

DATA DE NASCIMENTO	SÓCIOS	IDADE	%
1900 - 09	28	80 - 89	11,82
1910 - 19	31	70 - 79	13,08
1920 - 29	47	60 - 69	19,83
1930 - 39	70	50 - 59	29,53
1940 - 49	38	40 - 49	16,03
1950 - 59	19	30 - 39	8,02
1960 - 69	04	20 - 29	1,69
TOTAL	237	-	100,00

Fonte: Arquivos do Centro Português 1º de Dezembro.

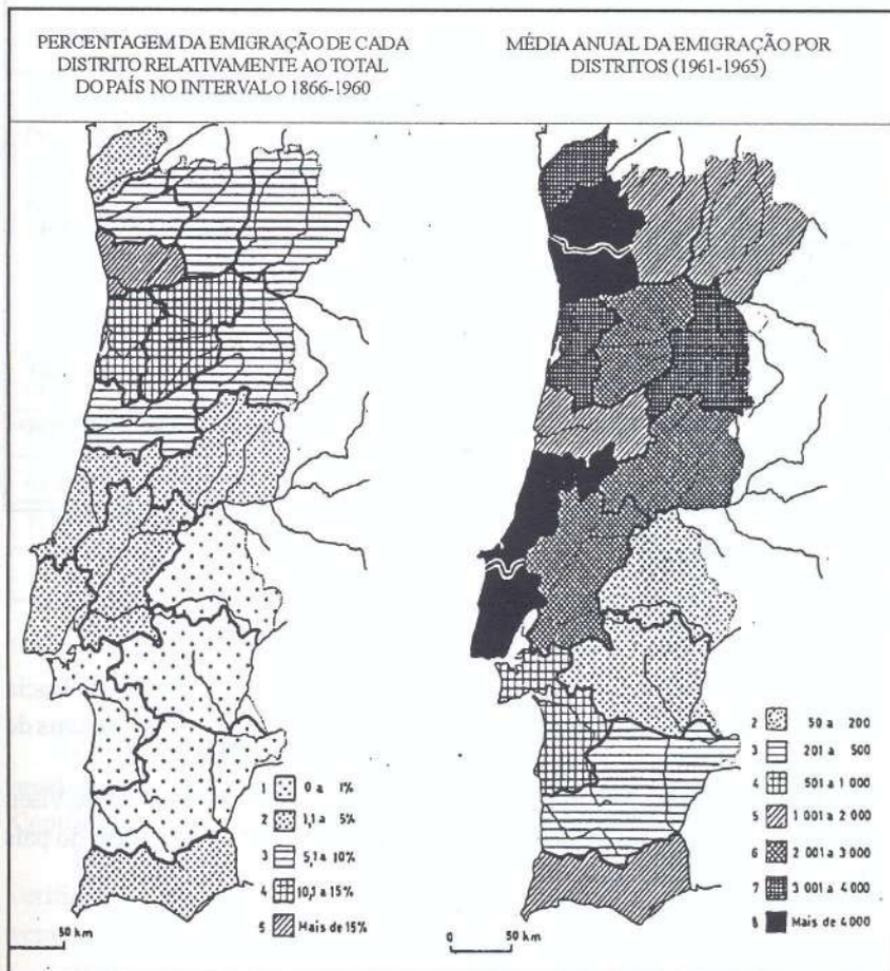
Como podemos constatar, a faixa etária acima de 50 anos perfaz 74,26% da amostra, predominando de 50 a 59 anos. Este dado reafirma os dados anteriores: redução da emigração para o Brasil, com o conseqüente envelhecimento da população de imigrantes natos e sua tendência ao desaparecimento.

Quanto à procedência do imigrante, segundo Joel Serrão, a emigração portuguesa verifica-se por todos os distritos de Portugal, no entanto a região

³ A mostra conta com todos os portugueses associados no Centro Português 1º de Dezembro, que ainda encontram-se vivos e moradores de Pelotas, inclusive os que não são mais sócios atualmente.

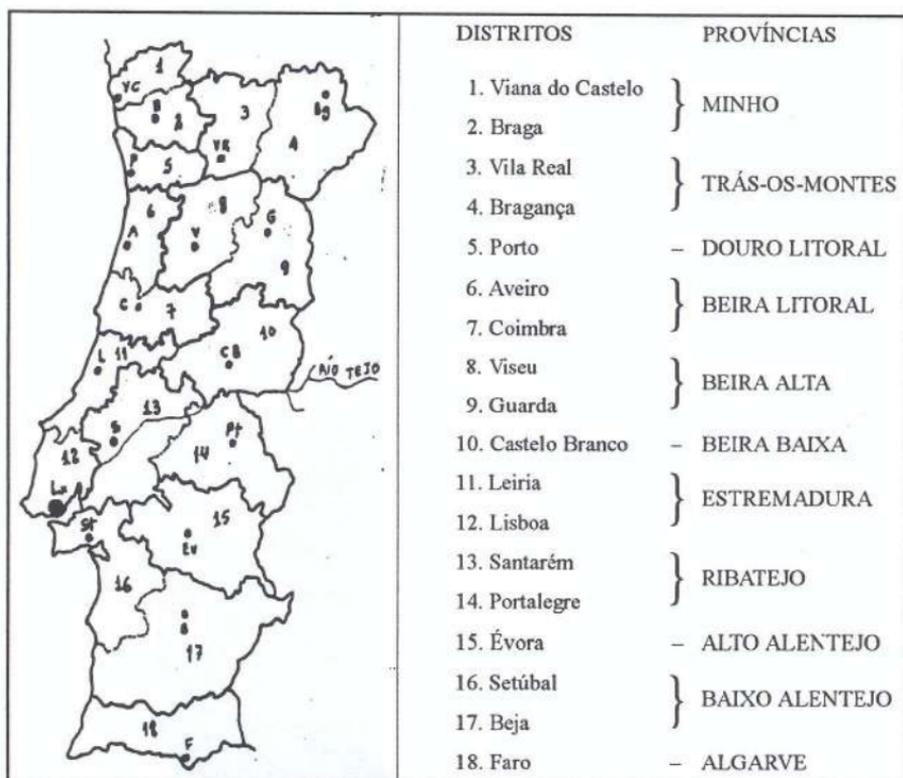
norte e centro-oeste do país mantém os mais altos índices (Serrão, 1982). Conforme diz o autor:

“... a população repelida mais ou menos de toda a parte se escoou para o exterior, numa sangria desatada que a timidez de nossa urbanização, excessivamente concentrada em Lisboa e no Porto não logra conter ...” (Serrão, 1982:145-146).



Fonte: João Evangelista, *Um século de população portuguesa*. In: Joel Serrão, *A emigração portuguesa*, 1982, p. 141-142.

Figura 1 – Zonas de imigração: Portugal.



Fonte: Medeiros, Lisboa, 1976, p. 35.

Figura 2 – Distritos e Províncias – Portugal.

Conforme as figuras apresentadas⁴, vimos que na região norte da Bacia do Tejo encontram-se as zonas de maior repulsão, atingindo os percentuais de 21 a 70% enquanto ao sul apenas de 0 a 20% (Serrão, 1982).

A zona de maior emigração, antes de 1960, era o Porto, seguida de Viseu e Aveiro. Depois desta data, aumenta a corrente emigratória do centro do país e do interior da Zona Norte (Serrão, 1982).

⁴ Joel Serrão analisa mais detidamente a situação da emigração continental para o Brasil do que a das ilhas, porque considera a saída dos insulares um fenómeno quase exclusivo da América do Norte (açorianos) e da América Central (madeirenses) (Serrão, 1982). Para maiores detalhes sobre emigração dos insulares, ver: Ribeiro, 1986.

Quanto à emigração para o Brasil, na segunda metade do século XX, apresenta o seguinte quadro:

QUADRO Nº 4
Emigração portuguesa para o Brasil por distrito de origem (1953-1986)

DISTRITO DE ORIGEM	Nº	%	DISTRITO DE ORIGEM	Nº	%
Viseu	31.796	13,51	Viana do Castelo	10.197	4,33
Porto	27.097	11,52	Leiria	8.385	3,56
Aveiro	23.621	10,04	Santarém	4.400	1,87
Bragança	21.905	9,30	Castelo Branco	3.322	1,41
Vila Real	18.476	7,85	Faro	1.334	0,57
Guarda	17.588	7,47	Setúbal	1.180	0,50
Braga	16.703	7,10	Portalegre	427	0
Coimbra	13.685	5,81	Beja	290	0,12
Lisboa	10.571	4,49	Evora	262	0,11
TOTAL DO CONTINENTE				211.239	89,78
Açores	2.166	0,92	Madeira	21.884	9,30
TOTAL DAS ILHAS				24.050	10,22
TOTAL GERAL				235.289	100,00

Fonte: Boletins da SEE, *Caderno de Migrações 11*, Lisboa Horizontes, 1987.

Como podemos verificar, a origem dos emigrantes para o Brasil, na atualidade, evidencia uma emigração oriunda do norte da Bacia do Tejo, no Continente e da Madeira nas ilhas.

Examinando-se os dados da figura 2 e comparando-os com o quadro nº 4, verificamos que a emigração para o Brasil provém da mesma região proveniente no passado.

Para a apreciação da procedência dos imigrantes, em Pelotas, no século XX, vejamos o quadro a seguir:

QUADRO Nº 5
 Procedência – Pelotas (1900-1979)

DISTRITO	Nº	%	DISTRITO	Nº	%
Aveiro	155	59,61	Viana do Cast.	4	1,53
Porto	22	8,46	Faro	3	1,25
Coimbra	21	8,07	Barcelos	2	0,76
Leiria	14	5,38	Braga	2	0,76
Bragança	7	2,69	Não Identif.	2	0,76
Lisboa	7	2,69	Castelo Branco	1	0,38
Vila Real	6	2,30	Ex-Colônias:		
Viseu	6	2,30	Angola	1	0,38
Guarda	6	2,30	Moçambique	1	0,38
TOTAL				260	100,00

Fonte: Carmem Pombo, 1986, p. 45-46.

Como podemos observar, a maioria dos portugueses de Pelotas é proveniente de Aveiro, apresentando uma presença, mesmo que diminuta, de imigrantes advindos das ex-colônias e nenhuma representação de ilhéus. Deprendemos, assim, que para o Rio Grande do Sul vêm os continentais da Beira Litoral, em sua maioria⁵.

2 – MOTIVOS DA SAÍDA DE PORTUGAL E A OPÇÃO POR PELOTAS

Os imigrantes portugueses dirigem-se ao país de destino através da “Carta de Chamada”. Este procedimento tradicional implica ter alguém a esperá-los, proporcionar-lhes a primeira moradia e, na maioria dos casos, a garantir-lhes o primeiro emprego.

Para todo o lugar que vai, este é o procedimento básico inicial do imigrante. Julgamos ser este um dos motivos pelo qual se encontra grande

⁵ Conforme levantamento feito no Consulado de Porto Alegre, a grande maioria dos imigrantes que ali vivem também são de Aveiro (Branco, 1988). Segundo uma pesquisa feita em Quitéria, 5º Distrito de Rio Grande, seus moradores são predominantemente de Aveiro (Sousa, 1987).

concentração de imigrantes de uma mesma aldeia⁶ e até de uma mesma região. Como exemplo, vê-se a predominância de distritos específicos: do norte e do centro de Portugal para o Brasil (Viseu, Porto, Aveiro) e França (Braga, Leiria, Porto), enquanto que para o Canadá e Estados Unidos vão em massa os açorianos, seguidos pelos lisboetas; saem para Alemanha predominantemente de Lisboa, seguida do Porto; na Venezuela predominam os madeirenses, seguidos pelos de Aveiro e Lisboa.

Esta é a forma pela qual eles vêm, mas o porquê emigram é um assunto mais complexo. Para irmos à raiz do problema, seria necessário uma análise cuidadosa da situação sócio-político-econômica do país de origem, nas diferentes épocas. Neste trabalho, apontamos alguns aspectos desta questão.

A título de introdução vejamos uma citação de Alexandre Herculano na obra de Joel Serrão:

“A miséria de um ou outro indivíduo pode derivar de culpa própria: a que expulsa uma parte notável da população de um país, onde está longe de superabundar, é sempre resultado de um defeito ou de uma perturbação nos órgãos da sociedade” (Serrão, 1982:116).

Conforme a análise de Serrão: “... as perturbações nos órgãos da sociedade” relaciona-se com os “condicionalismos demográfico e sócio-econômico” do país⁷ (Serrão, 1985:170-175).

Outro aspecto que não pode ser esquecido são as divisas que o próprio emigrante traz para o país, com sua poupança forçada e a intenção de para lá voltar. Assim, logo que consegue juntar algo, o imigrante passa a enviar sua poupança para a terra natal, para os pais, ou irmãos, ou para construir a casa dos seus sonhos.⁸ Sobre este fato, diz Serrão:

“É da miséria que nos vem a nossa melhor riqueza do pária nostálgico e atavicamente aventureiro que deixa as praias inóspitas da

⁶ Entendemos por aldeia um aglomerado rural ou piscatório sem funções administrativas e de coordenação. O que a distingue da vila e da cidade são as funções e a forma, embora a estrutura tenha bastante em comum (Serrão, 1985).

⁷ O solo, inteiramente ocupado, agricultura pobre, exploração direta, essencialmente de subsistência (minifúndios do norte); a fraca rentabilidade da agricultura com exploração arcaica do solo, importação de gêneros alimentícios e excedentes de mão-de-obra (latifúndios do sul); o fraco desenvolvimento industrial do país, decorrente dos interesses de burgueses no entesouramento e lucro imediatos, além das riquezas geradas pelo império colonial, provocaram os desequilíbrios sócio-econômicos do país (Serrão, 1985).

⁸ Tal fato está mais relacionado com a emigração dentro da Europa do que com a transatlântica.

terra que não lhe deu o pão em tormentosa demanda de destinos melhores, mas incertos, é que vem o ouro” (Serrão, 1985:175).

Com relação aos motivos da emigração, dados pelos imigrantes suíços, Mário Simões explica:

“A motivação para emigrar tem suas raízes, provavelmente, na já citada tradição histórica. Mas este fenômeno histórico e cultural baseia-se em diversos fatores: condição de vida insuportáveis, fome, desemprego, etc.

Segundo a perspectiva dos emigrantes há ainda outros motivos: a obtenção dum melhor nível de vida, fuga do serviço militar, a obtenção de economias para comprar uma casa ou para pagar dívidas, etc... No fundo, as causas e motivações para a emigração deveriam ser procuradas na estrutura da sociedade portuguesa, nos setores econômicos e na economia política” (Simões, 1985:11).

As respostas dadas pelos imigrantes de Pelotas sobre os motivos da emigração enquadram-se no contexto apresentado por Simões. Ao serem questionados sobre isto, disseram:

“É o espírito de aventura, que sempre empurrou o português...”.

“Eu era um funcionário público, mas tinha a ânsia de emigrar, conhecer novos lugares...”, “pela necessidade de emigrar, naquela época era difícil...”, “para melhorar de vida”.

Com a democratização do país, após 25 de abril de 1974, houve esperança de que os problemas se resolvessem, e, conseqüentemente, a emigração. Com relação à Europa, houve uma certa diminuição nos percentuais, em 1975. Os “países de emprego” implantaram medidas de restrição à entrada de novos imigrantes a partir de 1975, inclusive nesta época “verifica-se uma aceleração de regressos, calculando-se em cerca de 600 mil o quantitativo...”, assim se pronunciava Maria Manuela Aguiar, na exposição apresentada no Curso de Formação para Emigrantes (Aguiar, 1987:175).

Tanto os imigrantes, como estudiosos são unânimes em afirmar que a par dos motivos já citados, existe uma tradição de emigrar e as pessoas sempre sentiram-se atraídas em emigrar, pronunciamento de Maria Manuela Aguiar, em 1987, para o *Jornal do Comércio* do Porto (Aguiar, 1987).

Como justificativa da escolha pelo Brasil, durante as entrevistas, os informantes, em Pelotas, deram os seguintes motivos:

“... por causa das afinidades que os brasileiros têm com os portugueses”; “pelas afinidades, por causa da descendência”; “... os costumes do povo daqui são muito parecidos”; “os portugueses não têm que adaptar sua fala, como outros imigrantes...”; “... povos para os quais a etnia não divide, soma”; “a cultura brasileira nasceu em Portugal, o português vem e fica...”.

Na opção por Pelotas, além destes fatores, destacaram-se outros. Apresentamos a seguir o quadro dos motivos da emigração para Pelotas, constante no trabalho de Carmem Pombo, que serviu para extrair dados e estabelecer comparações.

O primeiro grupo, constituído pelo aspecto “família”, justifica-se pela prática do “reagrupamento familiar”. A mulher, na sua maioria, veio para acompanhar marido ou acompanhar os pais.

Durante as entrevistas na pesquisa de campo, constatamos estas mesmas justificativas, em respostas constantes, tais como: “através de parentes” e “a convite de amigos”.

QUADRO Nº 6
Motivos da emigração.

GRUPOS	RAZÕES	%
FAMÍLIA	<ul style="list-style-type: none"> - trazido pelos pais - encontrar o cônjuge - tinha parentes 	73,00
AMIGOS	<ul style="list-style-type: none"> - tinha amigos - informações de conhecidos 	12,92
GEOGRAFIA	<ul style="list-style-type: none"> - parecia com a terra natal - devido ao clima - quantidade de imigrantes - adaptou-se bem 	7,60
TRABALHO	<ul style="list-style-type: none"> - busca de emprego - comércio bom - tentar a vida - já tinha emprego garantido - empresa com sede na cidade 	4,18
ACASO	<ul style="list-style-type: none"> - veio a passeio e ficou 	2,30

O aspecto “geografia” também transpareceu em algumas respostas. A título de ilustração transcrevemos o depoimento de um imigrante que veio para Pelotas com 11 anos de idade e está aqui há 67 anos:

“... Lugar tipicamente igual aqui, não faltando a Ponte do São Gonçalo que lá é a Ponte de Avarela. O mesmo aguapé, junco, baíno, para fazer esteiras (...). Geologicamente falando é igualzinho a Aveiro, o mesmo paralelo, ao norte, mesma formação geológica, antigo golfo de mar que foi subindo e ao mesmo tempo açoriando, formando o sistema lagunar de Aveiro, com um braço de mar a comunicar com o Oceano...” (M.P.C.).

Outros consideram que “o espírito gaúcho, que é mais ativo, aproxima-se do europeu”, e isto motivou a escolha.

Conforme Carmem Pombo, o aspecto “trabalho” absorvia 35,07% dos motivos na justificativa para a escolha do Brasil, no caso de Pelotas, absorve apenas 4,18%. Quanto ao grupo “amigos”, em relação ao Brasil agrupa apenas, 2,98%, em relação à escolha por Pelotas que corresponde a 12,92%.

Os imigrantes oriundos das ex-colônias (África) justificaram sua opção por Pelotas dizendo:

“Viemos procurando segurança, estabilidade para a família (...). Papai veio ao Brasil em busca de amigos e escolher um lugar para ficar”.

“Acho Pelotas uma cidade mais fácil para se adaptar. Viemos por etapas: primeiro, meus pais e o irmão menor, depois viemos meu marido, eu, minha filha e outro irmão...” (M.M.S.A.V.).

Os “retornados” da África, como foram chamados em Portugal, sentiram-se “a mais” no seu país, pois muitos eram nascidos em Angola, Moçambique ou outra colônia, ou estavam estabelecidos lá há muitos anos. Tendo de regressar a Portugal, por força das circunstâncias (independência das colônias africanas), precisavam recomeçar a vida, de preferência num lugar onde pudessem se sentir tranquilos. Nestes casos, também funcionou a “carta de chamada”, de irmãos, tios ou amigos.

“... Pensando na família e no seu futuro, aceitei o convite antigo do sr. Manta. Decidi conhecer Pelotas, depois de uma visita de 15 dias, viemos para esta cidade...” (F.L.S.).

Assim, como “chamou” este imigrante, o Sr. Manta, como foi referido, foi também o responsável por várias outras vindas de parentes e amigos.

Como exemplo da eficácia da “carta de chamada” e da política do “reagrupamento familiar”, apresentam um esquema no qual um imigrante

português, primeiramente radicado no Uruguai, optou por Pelotas e, conforme as condições foram possibilitando, foi chamando pais, irmãos, sobrinhos e amigos para instalarem-se na “Terra do Doce”. Com os casamentos (alguns endogâmicos), depois de 30 anos, sua família soma mais de 100 pessoas.

Para uma melhor visão deste fato, organizamos um esquema em que aparece a seqüência dos imigrantes vindos para Pelotas, a chamado de Antonio R. dos Santos, desencadeando a seguinte progressão:

QUADRO Nº 7
Cartas de Chamada de A.R.S.

Antonio R. dos Santos	→	Esposa + filha	02
	→	JRS (irmão) + esposa	02
	→	ARL (parente) → esposa + pai + mãe	04
	→	JAJ (amigo) + esposa → pai + mãe + 2 irmãos	06
	→	ERS (irmão)	01
	→	FRL (parente  ..	10
	→	JL (amigo) + esposa + filha	03
	→	JRS (pai) + MJ (mãe) + JRS (irmão)	03
	→	JSC (primo) → pai + mãe + 2 irmãos	05
	→	LRS (irmã)	01
	→	MS (primo) + esposa + 2 filhos	04
	→	LRS (irmã) + marido + 3 filhos	05
	TOTAL		

Convenção: → leia-se: chamou.

Assim-se formou a família de Antonio Rino dos Santos. Para exemplo da ampliação que cada “carta de chamada” sofreu aqui, com os casamentos e a vinda de filhos e netos, a família de F.R.L. (a 6ª pessoa chamada) soma hoje 20 pessoas. Conforme disse uma sobrinha de Antonio R. dos Santos, “é uma dificuldade reunir todos para uma festa de família, mas em troca é divertido vê-los todos juntos” (M.A.R.C.).

Quanto à localização dos imigrantes portugueses em Pelotas, encontram-se na sede do município. A população do distrito-sede distribuiu-se da seguinte forma: 29,2% no Centro da cidade, 28,1% no bairro Fragata, 21,5% no Areal, 19,0% em Três Vendas e 2,2% no Laranjal (Rosa, 1985).

Da amostra mencionada anteriormente (237 associados do Centro Português) organizamos um quadro de distribuição dos imigrantes por bairro.

QUADRO Nº 8
Moradia: distribuição por bairro

BAIRRO	Nº	%
Centro	178	75,1
Fragata	17	7,2
Areal	14	5,9
Porto	14	5,9
Três Vendas	12	5,1
Rec. de Portugal	01	0,4
Simões Lopes	01	0,4
TOTAL	237	100,0

Fonte: Arquivos do Centro Português.

Para uma melhor visão da área de estudo e da área de concentração dos portugueses em Pelotas, utilizamos um mapa da cidade (planta geral de Pelotas), distribuindo sobre ele os 237 imigrantes por bairro evidenciando as zonas de concentração.

IMIGRANTES PORTUGUESES EM PELOTAS

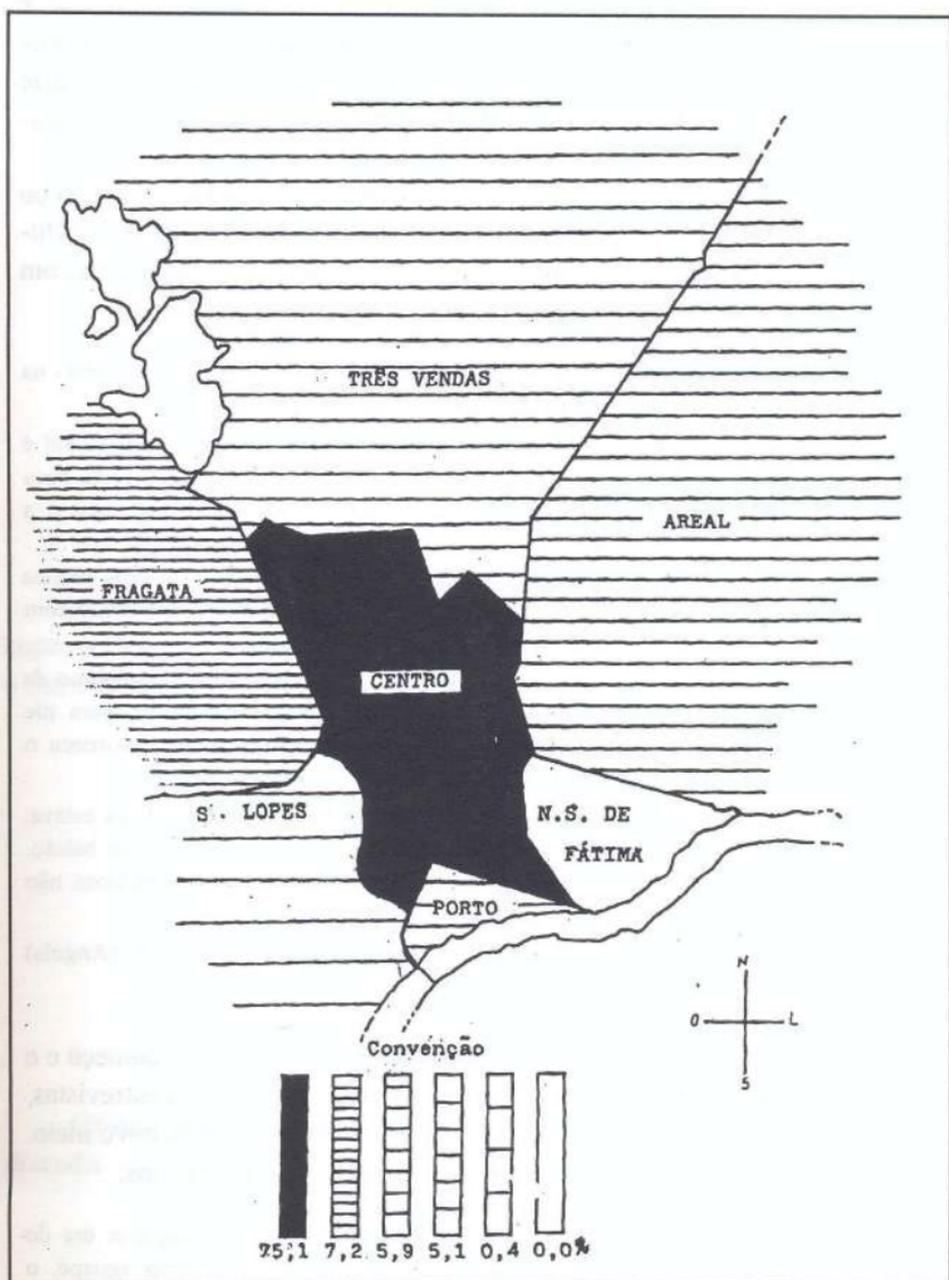


Figura 3 – Concentração por bairro (1989)

3 – FATORES DE INTEGRAÇÃO

No item anterior, ao discorrer sobre os motivos da escolha pelo Brasil e por Pelotas, transpareceram alguns dos elementos considerados pelos imigrantes como importantes para sua melhor e mais rápida ambientação. Entre eles encontramos: a mesma língua, cultura semelhante e grande concentração de portugueses no local.

Como foi mencionado antes, a “carta de chamada” significa parentes ou amigos a esperá-los e um emprego para o início da vida no local de acolhimento. Como exemplo, apresentamos alguns depoimentos relacionados com a questão das facilidades encontradas nos “primeiros tempos”.

“Integração fácil, fui recebido por conterrâneos que deram apoio na habitação. Havia muita gente recém chegada aqui ...” (A.C.).

“Não tive problemas, assimilei muito bem, o Rio Grande do Sul é muito parecido com o nosso sistema. Eu morava com os tios e tinha boas perspectivas de trabalho. Onde a gente ganha nosso dinheiro, que é a nossa terra” (C.A.R.S.).

“Já vinha há três anos em Pelotas (era do Uruguai). Tinha muitos amigos, já havia um grupo formado (...). Toda vida estive envolvido com a comunidade. Era chanceler da Embaixada ...” (F.A.J.).

“Minha irmã estava no colégio São José e já tinha um grupinho de amigos, fui introduzida no grupo. Eu era motivo de atenção, para me verem falar. A curiosidade das pessoas não atrapalhou, até favoreceu o relacionamento ...” (M.A.R.C.).

“No início, fiquei na casa de uma cunhada, meu marido já estava, nós morávamos perto da padaria que era nossa, eu trabalhava no balcão. O que senti foi a mudança de uma terra prá outra, com as pessoas não houve problema ...” (E.L.).

“Houve uma ajuda muito grande, meus estudos de lá (Angola) foram reconhecidos aqui ...” (M.M.S.A.V.).

Mas nem tudo deu certo, nem todos se sentiam tão bem no começo e o fator que, de uma forma ou de outra, apareceu sempre, em todas as entrevistas, foi o fator saudade, considerado uma dificuldade na integração ao novo meio. Como exemplo deste fator, registramos a seguir alguns depoimentos:

“... A partir de 1885 até 1920, a comunidade portuguesa era do distrito de Aveiro, porque tudo lhe falava à alma, o mesmo agupé, o mesmo banho, a mesma taboa, o mesmo clima, a mesma umidade. Só faltava o que o homem lá pôs, o carvalho, e aqui não. Subindo ao Banco

do Brasil, eu olho ali e vejo a ponte. Ah! ... Vejo aquela água, ai meu Deus, que saudade da minha terra! De pegar uma bateia, pegar enguias... tudo isto é Aveiro!" (M.P.C.).

"Sentia saudade dos colegas de escola. Falta dos companheiros, dos piqueniques que lá se fazia ... saudades das nossas raízes ..." (M.A.R.C.).

"... Trouxe muitas fotos, era minha alegria olhar para elas e recordar ... meu maior desgosto foi quando elas apanharam água (enchente) e estragaram ... (lágrimas). Sinto saudade dos irmãos que lá ficaram, do clima, dos jardins, dos cafés de Leiria. Da praia de mar, ia todos os fins de semana. Fiz uma casa em Cassino (praia de mar em Rio Grande) e sempre que dá tempo eu vou lá" (M.B.).

"Saudades de tudo. Ligava o rádio para ouvir música gaúcha, de gaita, por ser mais parecida (...). Sente-se saudade da família. Agora já não é tanto, antes era mais. Quando lá fui (Portugal), fui ver a casa onde eu morava" (E.L.).

"Dois meses depois que cheguei, queria voltar, nem que fosse de faxineiro num barco. Senti falta das amigadas, da namorada, das pessoas. Senti falta também do emprego que havia deixado, mas havia a vergonha de voltar, depois de ter deixado tudo" (F.A.J.).

Mas não é apenas a saudade que pode entrar a integração no novo lugar, o choque da saída da terra natal para uma estranha pode complicar até o que é considerado facilidade – a língua e os costumes:

"... Chamava muita atenção por causa da fala, sentia-me como 'ave rara'. Na aula era argüida só para ser ouvida e isto me constrangia..." (M.D.R.).

"... Era estudante de Serviço Social, os primeiros meses na Universidade foram terríveis. No início parecia até que falavam uma língua diferente ..." (M.M.S.A.V.).

"No começo foi terrível, passou-me pela cabeça que eu não sabia nem fazer a comida ..." (E.L.).

"No início foi difícil, os valores são diferentes, tivemos que abrir mão de coisas nossas, para não sermos muito diferentes" (M.M.S.A.V.).

Os imigrantes vindos das ex-colônias retrataram sua situação particular, dizendo:

"Havia a idéia de regressar, ficou a família lá (Angola). Aqui tem a mulher e os filhos, agora. Sinto-me um peixe fora d'água (...). Quando saímos de Angola, deixamos a casa mobiliada, tudo. Não conseguíamos saber notícias dos meus pais, só mais tarde, através da Cruz Vermelha ..." (J.C.V.).

“... Às vezes sentia mais falta de Angola do que de Portugal ... Há anos que eu digo que vou voltar ...” (M.M.S.A.V.).

“Viemos porque havia mais segurança e já havia familiares, mas acho que pode ter sido pior ...” (L.S.).

Um dado interessante foi revelado por duas pessoas, com relação a tempos mais remotos, sobre a vinda de imigrantes sem a família e o seu desligamento dela não enviando mais notícias.

“Não era prá eu vir, o meu pai tinha vindo quando eu era bem pequena e nunca mais voltou, ficamos minha mãe e eu. Quando eu vim com meu marido, muitos anos depois, descobri que meu pai não tinha conseguido dinheiro para mandar vir a família e que tinha outra mulher. Minha mãe dizia que aqui era a ‘terra dos esquecidos’” (E.L.).

“... Eu tinha até medo de vir prá cá. Em Angola, chamavam o Brasil de ‘Terra do Cemitério’. As pessoas vinham e depois não davam mais notícias, morriam” (S.A.)⁹.

Ainda quanto às dificuldades, devemos indicar a legislação referente aos estrangeiros. No período de 1920 a 1937, através de decretos, a legislação restringia a entrada de estrangeiros, pregava a nacionalidade do comércio, bancos e pesca. Segundo Maria H.B. Lima, estas restrições, além de outros elementos, configuram o grupo português como um grupo “minoritário”¹⁰ (Lima, 1974).

Como exemplo desse sentimento, temos alguns depoimentos:

“Para advogar, tive de me naturalizar” (M.P.C., em torno de 40 anos atrás).

“Já fui barrada num concurso por ser estrangeira ...” (M.M.S.A.V.).

“Como estrangeira não tenho o mesmo direito para muitas coisas. Minhas irmãs tiveram problemas em concursos” (M.A.C.).

“As restrições vêm quando se vai buscar os direitos. Antes era mais difícil, agora é melhor, mas há diferença entre ser português e ser brasileiro” (M.D.R.).

⁹ Esta imagem está ligada ao trabalho nos canaviais e nas lavouras de café, segundo informações de Tania Monteiro, que aponta um artigo de um jornal Lisboaeta na virada do século: “A terra que o imigrante visionou como um paraíso é na realidade um grande cemitério” (Monteiro, 1985:56-58).

¹⁰ Segundo Giralda Seyferth, as minorias definem-se por limites “inclusivos” (por si mesmas) e “exclusivos” (pela maioria) (Seyferth, 1986).

“O português é criticado de vir tirar o lugar do brasileiro no mercado de trabalho, pois ele vem decidido a progredir e consegue fazer a vida, mas com muito sacrifício ...” (F.L.S.).

É comum ao português quando chega em terras estranhas, filiar-se às entidades representativas dos lusitanos e assim são encontrados, na sua maioria, associados à Beneficência Portuguesa e ao Centro Português 1º de Dezembro.

Segundo a pesquisa de Carmem Pombo, dos 260 participantes de sua amostra, 200 pessoas contra 60 são sócias de entidades. Das 200, muitas são associadas a várias entidades assistenciais, culturais recreativas e outras. Dentre as 32 associações culturais e recreativas que apareceram nas respostas, 135 pessoas são sócias do Centro Português 1º de Dezembro e 105 são sócias da Beneficência Portuguesa, dentre 10 entidades assistenciais, o que representa um número bastante significativo (Pombo, 1986).

Ao se questionar qual o papel da associação recreativa e sua importância para eles, os entrevistados referiram-se ao Centro Português¹¹, ora focando seu papel recreativo, de agremiação de pessoas afins, ora como ligação e substituição da pátria distante.

“O imigrante sente necessidade de se agrupar, não é suficiente só na família.”

“A associação lhe dá outro âmbito, onde pode acontecer mais coisas, como folclore, teatro, jogos, música, um arraial¹², por exemplo.”

“É como um desabafo! A identidade de usos e costumes, a comida, etc.”

“Muito importante, um pedacinho de Portugal – conversa com portugueses, entretenimento português, hora de lazer. Onde se faz comidas típicas e danças portuguesas.”

“É bom para festas, se distrair, se divertir. Sente-se melhor lá do que em outro clube.”

“É importante para a integração da comunidade portuguesa, para conservar as tradições.”

“Uma necessidade de agremiação e de identidade, entra também o patriotismo.”

“Na associação, o horizonte se abre para que se defenda essa cultura. Une forças para que se possa defender e manifestar o patriotismo, os costumes e etc., dentro da sociedade onde se está inserido.”

¹¹ O Centro Português 1º de Dezembro, associação máxima dos portugueses de Pelotas.

“É necessário pelo culto às tradições. É a maneira de se reunir com patrícios. Durante a semana se trabalha e lá, a gente congrega.”

“É onde nossos filhos podem conhecer as nossas coisas, o folclore, etc.”

“De uns anos para cá, há uma preocupação em resgatar coisas, preservar, divulgar. Antes não havia uma valorização do que se tinha, agora a visão é diferente.”

“Dentro da crise econômica que há, não há facilidade, de trazer coisas, então o clube preenche” (Acervo do clube).

Outro elemento considerado como facilitador da integração, citado nas entrevistas, é a religião, pois sendo o povo pelotense predominantemente católico, os portugueses podem professar sua religião em qualquer localidade onde morem, além de realizar as procissões de N. Senhora de Fátima nos dias 13 de maio e de outubro.

Portanto, embora sendo apenas uma sobrevivência do passado, a imigração portuguesa vem se registrando em Pelotas, na atualidade, apesar de reduzir-se a cada ano que passa. Com a prática da “carta de chamada” e do “reagrupamento familiar” predomina a reunião de portugueses de uma mesma aldeia ou região, facilitando sua integração¹³ ao novo meio.

¹² Arraial – Festa popular portuguesa, em homenagem ao Santo Padroeiro, com duração de muitos dias, feira de artesanato, barraquinhas de jogos, bandas e danças dos ranchos folclóricos locais (Sanchis, 1985).

¹³ Seguindo a sugestão de Roque B. Laraia, entendemos por integração a participação efetiva do grupo de imigrantes na sociedade pelotense, “com a adoção de diversos costumes e práticas tecnológicas, mas sem perder os aspectos, que consideram importantes, da sua cultura e, principalmente, sem perder sua identidade étnica” (Laraia, 1976:173).

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR, Maria Manuela. *Política de emigração e comunidades portuguesas*. Porto: SECP, 1987.
- BRANCO, Estelita de Aguiar. *O imigrante português em Porto Alegre*. Porto Alegre: UFRGS, 1988 (mimeo).
- LARAIA, Roque de Barros. Integração e utopia. *Revista Cultura*. Porto Alegre: Vozes, v. 70, n. 3, p. 165-173, abr. 1976.
- LAYTANO, Dante de. Os portugueses. In: BECKER et al. *Enciclopédia Rio-Grandense*. Canoas: Regional, 1958. v. 5 – Imigração.
- LIMA, Maria H. Beozzo de A. *A missão herdada: um estudo sobre a inserção do imigrante português*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1974.
- MEDEIROS, Carlos Alberto. *Esboço breve de geografia humana*. Lisboa: Terra Livre, 1976. (Coleção Pequenos Breviários de Cultura).
- MONTEIRO, Tania Penido. *Portugueses na Bahia, na segunda metade do século XIX. Emigração e comércio*. Porto: SEE, 1985.
- PINTO, Maria Luisa. Os portugueses no Brasil. In: *Caderno Migrações 11*. Lisboa: Ramos Afonso, 1987. p. 27-44.
- POMBO, Carmem R.M. *Imigração Portuguesa em Pelotas no séc. XX*. Pelotas: UCPEL, 1986 (mimeo).
- RIBEIRO, Cassola. *Emigração portuguesa: algumas características dominantes no período de 1950 a 1984*. Porto: S. ECP, 1986.
- ROSA, Mário. *Geografia de Pelotas*. Pelotas: Ed. da UFPEL, 1985.
- SEYFERTH, Giralda. Imigração, colonização e identidade étnica (Notas sobre a emergência da etnicidade em grupos de origem européia no Sul do Brasil). *Revista de Antropologia*. São Paulo, USP-FFLCH, v. 29, 1986.
- SERRÃO, Joel. *A emigração portuguesa*. 4. ed. Lisboa: Horizonte, 1982.
- _____. *Dicionário de História de Portugal*. Porto: Figueirinha, 1985. v. 1.
- SIMÕES, Mário Pinto. *O emigrante português – processos de adaptação*. Lisboa: SSE, 1985.
- SOUSA, Carmen. *Cultura espontânea de Quitéria*. Porto Alegre: ICP, 1987 (mimeo).